ARTES e LETRAS

CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS NARRAÇÕES POÉTICAS EM PROSA

POR JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

TALVEZ alguns autores digam dispensável a corrigida e profunda compreensão das obras literárias, tanto se acostumaram a as lerem a preço e «de mero divertimento».

Mas a Literatura, a verdadeira, perdurável e grande Literatura, não é, nem nunca foi bem assim. Divertimento, sim. Não o é para os seus criadores. Não o deve ser para os seus leitores, só porque muito mais fundo, mais cativante e muito mais prazer lhes dá, quem se limita a procurar na leitura uma distracção, crescentemente se fechará a esse maior prazer e profunda alegria de compreender e revivescer as grandes obras literárias.

Com esta revivescência abrem-se muitos, sempre novos, de par em par, diversíssimos, porque toda a vida humana, para lá dos tempos e espaços, realidade, sonho ou mistério, na Literatura se aprime e eternize. Mas exige que um esforço inicial, e depois mantido, cada vez menos exigente, o esforço que, recusando o fácil divertimento, obtém esta outra e alto prazer fundamental com o engrandecimento espiritual.

Para facilitar o esforço inicial e o que é mais, para depois e permanentemente encontrar o esforço mantido, lançando a maior aprofundamento e maior poder de compreensão na leitura das narrações, hoje, e talvez sempre, a gradíssima preferida, ao indispensável estes esclarecimentos sobre a natureza e características do género literário, e o carácter essencial que permite manter-lhe o género vivo, e também conhecer-lhe os limites.

Não só saber-se, porém, que é grande, claramente para obter limites e estabelecer barreiras, para além das quais recusaremos aceitar uma obra dentro deste género literário. Isto não está, na verdade, a atitude mais comum, se não geral, de quem trata de géneros literários. E, com essas duas palavras, a maioria dos críticos, cálgendo pela tradição passada, mente acrita, o prestígio de grandes obras ou o seu gosto individual, uma forma porque foi realizando um género literário, com ela o confundindo. E, por este erro, mais ainda estreitam o seu âmbito e se recusam a incluir nele algumas obras de maior originalidade e não vulgar.

Vão precisamente o contrário, mas sem o perigo da quedia em pior mal, o de negar a realidade que é a estrutura dos géneros literários e a compreensão das suas leis naturais. Porque só aceitando-as pode realizar-se qualquer obra válida e perfeita. Mas a forma de a realizar, seja qual for o seu género, e de acordo com as leis reais e a verdadeira natureza e carácter essencial de onde um dêsses géneros deve ser livre e quanto possível pessoal.

Para compreendermos as Obras Literárias, como forma de realização pessoal fe de vesos de uma época ou de uma escola, ou de mantida ou renovada tradição, mas sempre sem fer-nada pessoal), dentro de cada género literário e, para esa percepção e grandeza, tem respeitando as leis naturais, precisa estabelecer a realidade e constância dos géneros literários, e, sinqui aquele que designo por Narração Poética em Prosa, e característica do que tem de essencial.

Mais precisa, ainda, para a Literatura de Língua Portuguesa, cujo maior e crescente valor é profundamente original e que, por isto mesmo, não poderá ser bem compreendida e com justiça valorizada, se a crítica se fundamentar em ideias e conceitos mais ou menos estreitos, e em exemplos ainda que de obras belas, mas de outras formas de realização.

Com ela pretendemos abrir estudar e valorizar desinteressada a obra, geral, de narração poética em prosa, e, entre os maiores Romancistas de Língua Portuguesa.

Também este exemplo da «Prepregrinação» de Fernão Mendes Pinto, que por agora, não ousamos a definir-lhe a verdadeira categoria, no seu género. Porque tem não tato somente (e não pouco, afinal) o que tem de comprehensível e de aceitável, mas ainda compreende-lo perfeitamente, pertencendo ao género literário a que pertence (e só assim com justiça) e valorizá-lo, ainda que pelo seu lado, de, entre os maiores Romancistas de Língua Portuguesa.

Também este exemplo da «Prepregrinação» de Fernão Mendes Pinto, que por agora, não ousamos a definir-lhe a verdadeira categoria, no seu género. Porque tem não tato somente (e não pouco, afinal) o que tem de comprehensível e de aceitável, mas ainda compreende-lo perfeitamente, pertencendo ao género literário a que pertence (e só assim com justiça) e valorizá-lo, ainda que pelo seu lado, de, entre os maiores Romancistas de Língua Portuguesa.

Não só saber-se, porém, que é grande, claramente para obter limites e estabelecer barreiras, para além das quais recusaremos aceitar uma obra dentro deste género literário. Isto está, na verdade, a atitude mais comum, se não geral, de quem trata de géneros literários. E, com essas duas palavras, a maioria dos críticos, cálgendo pela tradição passada, mente acrita, o prestígio de grandes obras ou o seu gosto individual, uma forma porque foi realizando um género literário, com ela o confundindo. E, por este erro, mais ainda estreitam o seu âmbito e se recusam a incluir nele algumas obras de maior originalidade e não vulgar.

Vão precisamente o contrário, mas sem o perigo da quedia em pior mal, o de negar a realidade que é a estrutura dos géneros literários e a compreensão das suas leis naturais. Porque só aceitando-as pode realizar-se qualquer obra válida e perfeita. Mas a forma de a realizar, seja qual for o seu género, e de acordo com as leis reais e a verdadeira natureza e carácter essencial de onde um dêsses géneros deve ser livre e quanto possível pessoal.

Para compreendermos as Obras Literárias, como forma de realização pessoal fe de vesos de uma época ou de uma escola, ou de mantida ou renovada tradição, mas sempre sem fer-

(Continua na 15.ª página)

JÁ ESTÁ À VENDA A 2.ª EDIÇÃO DE

APARIÇÃO

ROMANCE DE

VERGÍLIO FERREIRA

PRÉMIO CAMILO CASTELO BRANCO

«Ele-o-me sem dúvida prefiro um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queirós»

JOÃO GASPAR SIMÕES

PORTUGÁLIA EDITORA

NOTÍCIAS DE "O PASSARO AZUL"

De Maurice escritora Fernanda de Castro recebemos a seguinte carta:

Querida Natércia:

Agradeço-lhe do coração o interesse que tem manifestado por este pequeno mas ambicioso «Passaro Azul» e dou muito prazer venho dar-lhe as notícias que me pede.

Desde a última vez que falámos sôbre o assunto, apenas se passou uma coisa, mas essa muito animadora, e ligada que o mestre de «ballets» William Dollar deu, no Parque Infantil das Necessidades, à classe mais adiantada das alunas da Aguada Sena.

Depois de assistir a um espectáculo do Ballet Theatre, enquanto recordava o que sabia a respeito de William Dollar, desde a sua actuação nos bailes russos dos tempos heróicos, em colaboração com o próprio Diaghileff, surgiu em mim a ideia de lhe pedir que assistisse a uma aula de «ballet» do «O Pássaro Azul», para que me dêsse a sua opinião, uma das mais autorizadas do Mundo, sôbre a orientação que Aguada Sena estava a dar de seus quatro classes de ritmica e de dança clássicas.

Pedi ao dr. José de Figueiredo que nos apresentasse — não esqueça o grande favor que lhe ficará devendo — e expliquei a William Dollar os objectivos desta iniciativa, acentuando o ponto que me parecia mais interessante, isto é, que a experiência está a ser feita exclusivamente com crianças pobres, crianças do povo, frequentadoras dos parques infantis. Em resumo: pedi, pedi, até que William Dollar cedeu, isto é, até que acabou por ceder, o que não foi fácil.

— Não lá com grande esperança... — disse-me depois. — Habitualmente, quando me fazem convites semelhantes, recuso. E recuso porque, na grande maioria dos casos, me leio depois na situação de dizer bem sem sinceridade ou de dizer mal com brutalidade — posições igualmente desagradáveis.

Na véspera da sua visita, William Dollar teve o cuidado de me dizer que apenas disporia de vinte minutos. Como, porém, se demorou no ser, que cerca de duas horas e deu espontaneamente não uma mas duas aulas à mesma classe, pensei que só podia arriscar-me a uma espécie de pequena entrevista.

— Acha realmente que esta iniciativa tem algum interesse?

— Acho que tem o maior... Nunca foi não necessário opor à vida mecânica a arte, a beleza, a vida espiritual.

— Parecera-lhe bem orientada esta classe de «ballets»?

— O melhor possível. «Very, very well, beautifully»... Se viesse viver para Portugal viria para aqui ensinar de graça... eu e esta rapariga — referiu-se a Aguada Sena — podíamos fazer aqui grandes coisas. Que belo material... tem graça, de crianças de classes aristocráticas. Destas pequenas que sonho de ver dentro-em-dia dançarem bem. mesmo quatro talentos positivos. Eu só gosto de ensinar aceito a quem realmente merece... ou então pelo carinho pelas lágrimas... são aqueles que quase sempre desistem.

Duas horas tinhamos passado — e não mais se falara dos cinquenta minutos prometidos. As crianças, esmaecidas, diziam-lhe adeus com sorrisos, acenos de mão e algumas até, para mim, gritavam-lhe, sentimentalmente e portuguesas, com beijos.

William Dollar, já no automóvel que devia levá-lo a S. Carlos, disse-me, a despedir-se:

— Sabe que o «ballet» russo começou justamente assim, com crianças de asilos e orfanatos, profundamente pobres, o material tinha idealmente para que.

— Não, não sabia. Mas gostei de saber. Contei muito.

E aqui tem, Natércia.

Por hoje nada mais e até breve, se Deus quiser.

Sua amiga

FERNANDA DE CASTRO

ASSIM FALA GEOMETRIA

ALMADA NEGREIROS reconstituiu

A OBRA-PRIMA DA PINTURA PRIMITIVA PORTUGUESA NA CAPELA DO FUNDADOR DO MOSTEIRO DA BATALHA

e afirma: "Duas maiúsculas numa dalmática identificam as iniciais do nome da personagem principal nos painéis"

ENTREVISTA DE ANTÓNIO VALDEMAR

CONTINUA a provocar grande agitação não só em Lisboa como em todo o País a série de entrevistas que tem vido dadas e estamos nesta página. Almada Negreiros conseguiu acordar as consciências adormecidas de alguns quanto ao interesse em saber quem colocou do espírito e de sensibilidade.

Estamos habituados a receber id de fora as ideias e opiniões já feitas, em seguida vemos atrás delas a série de abandonamos muito depois de estabelecerem, entretanto outras correntes triunfantes.

Irremediável vício provocado por um comodismo sem justificação. Poucos ousam ser tão arguido para dar lugar este letargo. E, quando ousamos falar mais alto assalta-nos logo uma desconfiança, que pouco depois se confirma.

Almada Negreiros de há meio século a esta data tem sido o único aventureiro de Portugal. Dotado de uma extraordinária agilidade intelectual, e de um invulgar sentido criador, procurou sempre em todos os momentos eclodir a cada instante sua primeira vez.

E, como pintor desde as primeiras horas, esforça-se por incutir na mente dos seus compatriotas uma cultura tendente a essa iniciação altamente benéfica.

Nestes meus estudos segui por via oposta a todos os outros estudiosos

Nesta entrevista começou por declarar:

«Ao princípio não sonhava com o desfecho a que cheguei agora, pois sempre me pareceu que esta espécie de estudos se destinava aos conhecedores da História. A minha curiosidade era outra: a arte da pintura, A história era apenas: história da pintura. Com muito menos conhecedores do que a outra.

Ao princípio estava muito longe de primicia de que os legítimos documentos eram os painéis.

O primeiro passo que dei para os meus estudos dos painéis foi afinal uma pergunta que me fiz: Qual era o modo de medida no Portugal de Quatrocentos?

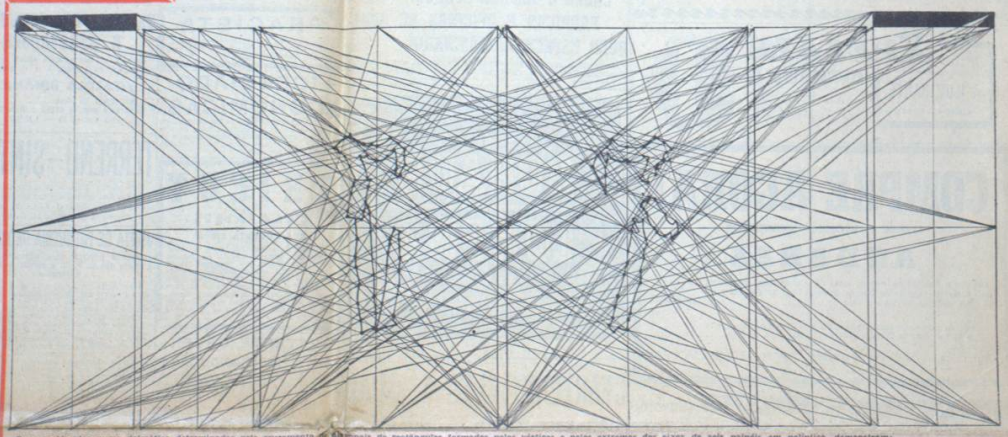
Certamente não haveria mais de um modo de medir, pois apenas com um seria possível a colaboração das várias actividades. E a ser assim, esse único modo de medir seria a um tempo fácil e prático e também capaz para a mais profunda indagação do conhecimento.

Assim comecei os meus estudos: a medir dimensões dos painéis com medida que ainda buscava. Mas atentei, nada encontrar em seis painéis que nos propunham como unidade de obra. A estes chamavam de Nuno Gonçalves. E aconteceu-me encontrar medida nas dimensões de outro painel que decididamente se julgava não pertencer aos seis. A este deram-lhe título «Ecce Homos. Parece que legitimamente. Como os outros era de Quatrocentos.

Mas a relação do painel «Ecce Homos».

Acto contínuo reconheço, digo bem: reconheço, que os dois painéis centrais do grupo de seis chamados de

(Continua na 15.ª página)

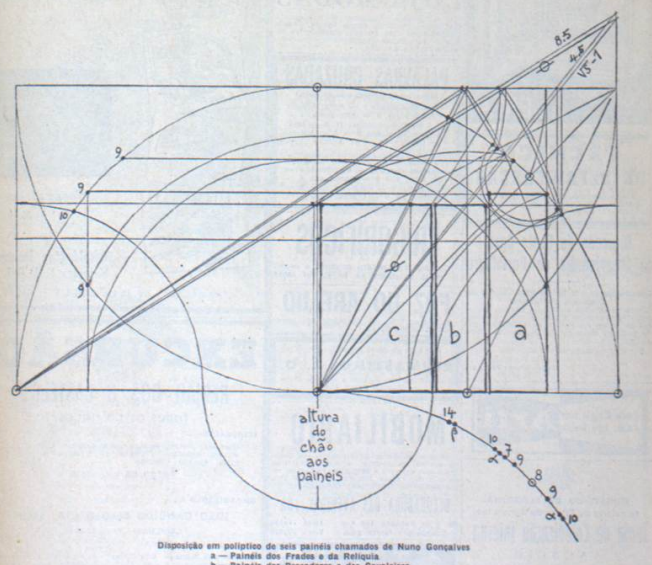


Duas maiúsculas numa dalmática determinadas pela cruzamento de diagonais de rectângulos formados pelos vértices e pelos extremos dos eixos de seis painéis em políptico, demonstram:

1.º Terem sido cortadas (a negro) as valanas exteriores do políptico.

2.º A primeira identificação (demonstrada) de personagem nos painéis.

Aguardando ainda demonstração a única identificação dos cinquenta e nove personagens dos seis painéis, o Infante D. Henrique, e não sendo já surpresa a de D. Fernando (D F), o Infante Santo, contudo as duas maiúsculas numa dalmática produzem pela primeira vez a única demonstração de personagem identificado no políptico.



Disposição em políptico de seis painéis chamados de Nuno Gonçalves
a — Painéis dos Frades e da Religuia.
b — Painéis dos Pescadores e dos Cavaleiros
c — Painéis do Infante e do Arcebispo

pela

relação 9/10 linguagem do quadrado

ou

pintar o sete provérbio português

todos os vértices dos painéis dispostos em políptico são determinados pela relação 9/10 e são também determinados pelas divisões 7, 14, 28, ... da circunferência

RIBEIRO COUTO

POETA BRASILEIRO DA LUSITANIDADE

POR MANUELA DE AZEVEDO

VEM ao Ribeiro Couto, Ribeiro Couto, poeta brasileiro, tem ai, quatrando de novo, a sua lusitanidade. Não tomará o braço amigo daqueles que o esperam, ninguém o será decerto, pálido e calvo, os passeios do Chiado, porque a sua presença não é finta, antes espiritual, do modo que, como sempre o amo ter de nano conhecer, dentro do livro que ai vem e o que deu o nome cativante de «Sentimento lusitano».

Dizia atrás de quatrarão não lhe matam, bem-se, as saudades de Portugal, talvez porque é isso mesmo, saudades alimentam-se de saudade. E lá longe no seu «Quase voluntário e quase solitário» desterro, embalador num gato a que decerto aprendeu a querer bem, sente ainda nas veias a terra que lhe suar os seus avós e onde choraram as mulheres pálidas, tristes e contemplativas da velha Broria, similar às casas de sobradinho da Junqueira, iguais às da sua Beia, donde as moças morenas, à tardinha, olham o «...» ver do Bonfim, noturno a fazer-lhe saltar aos olhos a nostalgia e a saudade; na concha vazia da sua mão, ouve o burburinho das Amoreiras namorando que é e tem medo de mostrar o retrato amado, no coração, bate-lhe ainda o luar do Monte Estoril onde morou, e o Sol da Rua Castilho, donde namorou Lisboa; entera-se pois nas ruas mesmo das matas de Sintra ou nas fitas e bordas areias Itararanes; e nas suas narinas inteiríssimas, dilatadas pulsa o perfume inquieto e saborosa dos rimances tropicais, das noveras da aldeia, das lágrimas dos serros e dos rios, as vigílias mortas e as histórias tenderiaz. E, outra vez, quando passa, na Serra da Estrela, os pingos de sangue fazem-se rosaiirinha branca e a Página, esta que a sua poesia é finta, antes espiritual, do modo que, como sempre o amo ter de nano conhecer, dentro do livro que ai vem e o que deu o nome cativante de «Sentimento lusitano».

Dizia atrás de quatrarão não lhe matam, bem-se, as saudades de Portugal, talvez porque é isso mesmo, saudades alimentam-se de saudade. E lá longe no seu «Quase voluntário e quase solitário» desterro, embalador num gato a que decerto aprendeu a querer bem, sente ainda nas veias a terra que lhe suar os seus avós e onde choraram as mulheres pálidas, tristes e contemplativas da velha Broria, similar às casas de sobradinho da Junqueira, iguais às da sua Beia, donde as moças morenas, à tardinha, olham o «...» ver do Bonfim, noturno a fazer-lhe saltar aos olhos a nostalgia e a saudade; na concha vazia da sua mão, ouve o burburinho das Amoreiras namorando que é e tem medo de mostrar o retrato amado, no coração, bate-lhe ainda o luar do Monte Estoril onde morou, e o Sol da Rua Castilho, donde namorou Lisboa; entera-se pois nas ruas mesmo das matas de Sintra ou nas fitas e bordas areias Itararanes; e nas suas narinas inteiríssimas, dilatadas pulsa o perfume inquieto e saborosa dos rimances tropicais, das noveras da aldeia, das lágrimas dos serros e dos rios, as vigílias mortas e as histórias tenderiaz. E, outra vez, quando passa, na Serra da Estrela, os pingos de sangue fazem-se rosaiirinha branca e a Página, esta que a sua presença não é finta, antes

...Como se nos versos de Ribeiro Couto houvesse o transfundo da criança antiga de todos os emigrantes que partiram e viemos ou não voltaram com o coração repleto da ambígua de novamente amar, e a saudade do amor que aqui deixaram...

RODRIGUES MIGUÉIS traduz e apresenta ao público português

francis scott FITZGERALD

Um dos maiores escritores americanos de todos os tempos

na sua obra-prima, o romance da era do jazz

Volume N.º 11 da colecção CONTEMPORÂNEA à venda na barraca 12 da Feira do Livro

O grande Gatsby

PORTUGÁLIA EDITORA

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

(Continuação da 13.ª página)

Nuno Gonçalves foram consumindo lições pelos seus belos painéis, o domo da superfície da relação do quadrado do fresco do Mosteiro, alguns espaços entre si.

Esta espécie manteve-se até à conclusão da reconstituição do todo da obra, respeitado pelo seu autor na composição da pintura. E deste modo é encontrou geometricamente o afasamento dos dois painéis centrais «ter-se si.

Nestas circunstâncias do conjugo lá é tu lá com a Geometria, o resultado de tu que não metia terceiro, corretado terceiro quando os dois terceiros que efectivamente vieram tão antigos que nem só tinham a suas lápides funebres com as suas efemérides epitáfios.

Enfim: a Geometria tinha inquietação própria e bastante para se permitir ir alcanho até ao fim.

As minhas primeiras anotações diante dos painéis feram essenciais nas conclusões a que cheguei

— A «Ecce Homo» exerceu os todos estes anos estudos uma importância capital...

— Não sei bem ainda bem o seu «interior» chamaria. Não falou me ainda ainda o mistério.

Aproveito este momento para consultar ser não sabia a «Ecce Homo» que até hoje os meus olhos usam ser todo o certo

Aconteceu, até, que no nosso pouco cabelo e sobrancelhas cortados à naulhas Santa Rita Pastor que eu mais geometra do que Amadeu, e amo geometria, e me chamava «o poetrás), ao ver-me distraído do painel que nunca estudar e fiquei diante do Ecce Homo, me perguntou: «Pareceu-lhe bem aos painéis? Que lhe parecem? Respondi: «Parece-me Dórico».

Atentei-me com a resposta por não se encontrar com autoridade para saber bem bem bem a resposta que eu teria a quem me perguntasse: «Porque me-ma Dórico?

Disse então a Santa Rita Pastor e tendo que tinha feito vários desenhos para cobrir as linhas na pintura e encontrar qualquer coisa que me pudesse prosseguir para o estudar.

largura da

Relação-me a relação ——— da

altura

«Ecce Homo» que se definia em 1:3 nos quais faziam sobrepostos os tipos quadrados de cada 3

3 vinte anos mais tarde encontrei ser a

circunferência

largura 10

relação ——— = ———

altura circunferência

7

Tendo parte do um todo de vários painéis constituídos a «Ecce Homo» e tendo de tratar-se de peça única.

Em constatação geométrica de tudo isto que tinha feito nos painéis usual evolucionados.

— Pode enumerá-los agora?

— Umas setras nas dalmáticas; um mapa de Portugal assinado no canto do manto de cristo; a «Ecce Homo» figura aureolada formando com o lado maior do painel o «Ecce Homo» um quadrado; e que na vara haja um segmento reto perpendicular ao comprimento e que me parecia ser do maior dos painéis.

Não é a primeira vez que publicou isto. Simplesmente, ao publicá-lo nunca esmerei na chave da «Ecce Homo» dalmática. Durante quarenta anos fui nos tratar-se da um D e um J. Quando há quatro anos o arquiteto João Dórito mencionado com este mesmo assunto de 1919 me disse «vem ver um D e um F.

Se não agora estes factos dos meus primeiros dias diante dos painéis e quenas para confirmar o «Ecce Homo» não estranhei, pois que na «Ecce» e que chegou à «Ecce» «Ecce precisamente o essencial para o conhecimento do todo da composição do seu autor. Vara e as «Ecce» Ecce Homo» de Ecce Homo» de Ecce Homo» de